O ESPORTE E AS POSSÍVEIS BARREIRAS ENCONTRADAS/ENFRENTADAS POR HOMOSSEXUAIS

JARLSON CARNEIRO AMORIM DA SILVA
IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA (orientador)

RESUMO

O esporte tido como prática metódica de exercícios físicos, que consistem geralmente em jogos competitivos entre indivíduos ou grupos, com regras pré-definidas, bem praticado em nossa cultura, e visto como segregador, dividindo corpos em critérios como idade, gênero entre outros, e deposita no gênero masculino todas as suas expectativas. Os preconceitos estão inseridos em corpos, instituições e mecanismos, em todas as esferas e o tema da homofobia tem aparecido bastante dentro do contexto esportivo. O objetivo desta pesquisa que se encontra em andamento para conclusão do curso de mestrado em Educação Física da UPE/UFPB é analisar como os homossexuais enfrentam as barreiras da heteronormatividade através do esporte de lazer; discutir as barreiras existentes e exclusões para com homossexuais no âmbito do esporte de lazer e verificar como grupos esportistas homossexuais compreendem seu corpo e utilizam os esportes de lazer como prática de poder e inserção social. A pesquisa se caracteriza como um estudo etnográfico crítico analisando categorias relacionadas às questões sociais como o poder, injustiça, hegemonia, repressão. Os sujeitos são atletas de um time de vôlei masculino amador de João Pessoa (star play), composto por indivíduos referidamente homossexuais que participam de competições locais e interestaduais. Os dados estão sendo coletados em dois eixos metodológicos: a observação participante e o uso do diário de campo possibilitando uma escuta discursiva mais espontânea; entrevistas semi-estruturadas, que propiciam a visualização das narrativas produzidas pelos sujeitos. Como técnica de análise dos dados, seguimos o modelo de análise situacional que se baseia no processo social, enfatizando nas normas e nos conflitos. Este tipo de análise etnográfica apresenta a ideia de que as normas da sociedade não constituem um todo coerente e consistente, mas ao contrário, são vagas e discrepantes. Os aspectos éticos seguiram as orientações sugeridas pela Resolução nº 466/2012 do CNS/MS.

Palavras- chave: Esporte Amador, Heteronormatividade, Homofobia.

Mestrando em educação física. UFPB/UPE/PAPGEF. Email: jarlson@hotmail.com

Doutor, professor do departamento de educação Física da UFPB/UPE/PAPGEF. Email: caminhairaquitan@gmail.com

INTRODUÇÃO

O esporte pode ser considerado, uma das atividades que mais está presente na vida de um ser humano, seja de caráter profissional ou meramente como lazer. Nossos corpos e mentes necessitam de atividades diárias, e a física está inclusa. Fazer parte de um grupo ou participar de jogos interagindo com outras pessoas serve para criar conceitos de respeito, solidariedade e amizade. Mas, nem sempre é isso que presenciamos dentro e fora do contexto esportivo, nas quadras e campos presenciamos o preconceito de determinadas pessoas.

Minhas primeiras manifestações relacionadas ao tema, vem desde a época de quando criança, me identificava muito com os esportes, fiz judô, natação, kung fu, bicicross, surf, e sempre nas peladas de futebol e voleibol que ocorriam no bairro. Quando adolescente, enveredei no time titular infantil de voleibol da antiga ETFPB (ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DA PARAÍBA) no início dos anos 90, adquirindo uma maior afinidade com este esporte, passei a jogar em clubes como o CABO BRANDO e APCEF até chegar à seleção paraibana infantil de voleibol e posteriormente a seleção da UFPB (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA) disputando tanto competições locais como nacionais. Vivenciei muitas coisas dentro do esporte neste período, e umas das coisas que observava era que os atletas que possuíam trejeitos homossexuais eram bastante discriminados e muitas vezes não tinham lugar no time mesmo possuindo habilidades para tal, e se fossem assumidos publicamente esse contexto ganhava uma maior dimensão.

A heteronormatividade, que é segundo Borrilo(2010) é a sexualidade “normal” do indivíduo pelo sexo oposto, imperativa e única; nesta época era muito evidente e contagiante, os atletas eram homofóbicos, que para o mesmo autor é um termo para designar uma forma de preconceito e aversão às homossexualidades em geral; e preconceituosos, inclusive eu mesmo me encaixava neste perfil, como pessoas intolerantes com as pessoas que não se encaixavam como “heteronormais”. Quando entrei na ufpb no curso de educação física, estes “pré-conceitos” que eram perceptíveis, foram sendo descontruídos e revistos, reconheci a necessidade de passar a respeitar todas as orientações, iguais ou diferentes da minha e quando conclui uma especialização na mesma instituição: Pedagogia Sexual, aumentou o interesse em enveredar nesta temática, principalmente quando comecei a trabalhar educação física na área escolar no interior do estado, me deparando com preconceitos internalizados que começavam vindos de casa e

se proliferavam nas escolas, principalmente nas aulas práticas de educação física, nas quais me encontro como professor, bem como, espreitando também as aulas de outros companheiros de trabalho, percebia que nada se fazia diante de tais manifestações que ocorriam nas aulas com alunos que se enquadrassem nos padrões sexuais esperados, nem por parte da direção escola, nem dos professores. Posteriormente, quando em meus momentos de lazer em que jogava "peladas de voleibol" em algumas quadras e campos, percebi também que, jogadores que se apresentavam com trejeitos homossexuais eram recebidos com hostilidade pelos demais, muitas vezes nem participando do jogo por discriminação dos grupos. É fato que mesmo que velado, os preconceitos e as discriminações se encontras em vários contextos sociais, e que na educação física, especialmente o esporte, é regido por valores heteronormativos que estimulam a homofobia.

Diante do atual momento histórico e de desenvolvimento político e social, nas palavras de Silveira (2008), o esporte vem sendo constituído neste contexto e de autoafirmação para diversos grupos sociais a exemplo das mulheres, negros, pessoas com deficiências e pessoas idosas. No entanto, pouco têm se falado ou visibilizado a questão da inclusão dos homossexuais nos círculos esportivos, pelo menos os abertamente assumidos, principalmente na prática de esportes onde prevalece a concepção de que, apenas heterossexuais são capazes e aptos a lograr sucesso.

Nesse contexto segundo Silveira (2008), qualquer indivíduo que não se enquadre na premissa heteronormativa é considerado incapaz ou inapto a fazer parte destas práticas, ratificando-se um estigma de que os homossexuais não se enquadram nesses ciclos esportivos por apresentar uma compleição física frágil, afeminada além de expressar comportamento lascivo e/ou de compulsão sexual que podem comprometer a ordem moral e a integridade dos outros atletas. Todas as vezes que se descobre um atleta gay, ou quando um indivíduo praticante de algum esporte, mesmo estando no topo do ranking dos melhores atletas e no auge de sua carreira, resolve assumir publicamente a sua homossexualidade, na maioria das vezes, estes atletas tem sido excluídos e colocados no ostracismo, sendo vítimas de discriminação por identidade de gênero e preconceito por orientação sexual.

A partir das questões de gênero, Butler(2004) justifica que a heteronormatividade da sociedade, em conjunto com a masculinidade, virilidade e agressividade associada ao esporte, tendem a impedir qualquer entrada e aceitação de atributos ligados ao homossexual ou à mulher. Segundo a mesma autora, a heteronormatividade é um padrão

normativo hegemônico em nossas sociedades, reproduzindo legitimidade e aceitação única.

Sendo o esporte amador como palco desse projeto na construção de minha dissertação de mestrado, poderei observar se certos padrões de gênero e de sexualidade são expressos em nosso cotidiano de forma natural, e por vezes irrefletida, reforçando modelos e estereótipos que depreciam sujeitos fora da norma heterossexual, que são (homossexuais). A partir dessa discussão, analisaremos se determinadas representações dos esportes e imposições que regulam o ser homem e o ser mulher, legitimando ou não a participação dos sujeitos que fogem destes padrões em determinadas práticas esportivas. Permitirá uma incursão pelas questões de gênero, orientação sexual e do preconceito em relação direta com o esporte enquanto fenômeno social e que em muito reproduz as práticas sociais excludentes, podendo contribuir dessa forma para ampliação do conhecimento da área.

Os esportes de um modo geral ainda estão longe de ser um território democrático e igualitário, pois comportam diferentes formas de intolerância. Se distanciando cada vez mais de uma dinâmica social e cultural que os cerca. Uma dessas formas de intolerância diz respeito à diversidade sexual. As entidades esportivas, o público, a imprensa etc., ainda pouco contribuem de forma mais expressiva para que os esportes sejam espaços mais tolerantes no que diz respeito à opção sexual de seus atletas. Pois ainda representam lugar que exalta comportamentos compreendidos como masculinos e alimentam formas por vezes violenta de rejeição a homossexualidade.

Não se tem fundamentos religiosos, sociais ou ideológicos que justifiquem atos de discriminação a pessoas que, apesar de terem opções e orientações diferentes da maioria, são cidadãos e sujeitos de direitos e deveres. Diante deste cenário, indaga-se, será que a masculinidade hegemônica tem um valor dominante de maneira ampla no esporte excluindo aqueles que não se encaixam nos padrões de heteronormatividade, ou seja, privando assim a participação dos homossexuais, avultando a homofobia no esporte?

HIPÓTESES

H1: A heteronormatividade vem sendo inserida, e ao mesmo tempo mascarando a hegemonia masculina dentro do voleibol amador em João Pessoa.

H2: Os homossexuais encontram/ enfrentam barreiras e exclusões dentro das práticas esportivas do voleibol amador em João Pessoa.

JUSTIFICATIVA

No modelo de sociedade contemporânea, facilmente as pessoas se deparam nas ruas, no trabalho ou na escola, com homossexuais sendo ofendidos seja por violência física, psíquica ou moral. Se o combate ao racismo já obteve avanços, a luta contra o preconceito aos gays ainda necessita dar muitos passos. Pelo menos, é assim no Brasil. Segundo Caudwell (2008), prova disso é que parece inimaginável que os brasileiros, de uma forma geral, aceitem que jogadores de futebol negros sejam hostilizados por torcedores. No entanto, quando falamos de homossexuais, a história é outra. Nossa tolerância com aqueles que são preconceituosos com homossexuais ainda é muito grande

Contudo, estudar estas categorias talvez ainda seja um tabu em virtude de preconceitos e discriminações, as quais enfrentam os sujeitos que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Ou seria o fato de que o esporte vem mascarando a presença da homossexualidade? Ou ainda seria o constrangimento de um homem querer pesquisar sobre a homossexualidade masculina ou feminina?

Esse indicador da inexistência de estudos ligados a este tema, já é por si um fator relevante para a realização desta pesquisa. Poderiam existir vários motivos que justificariam tal pensamento. Um deles está ligado à formação profissional dos professores de Educação Física. Segundo observações assistemáticas do cotidiano da atuação profissional feita por Santos (2008), os professores não estão preparados para trabalhar com as diversas identidades e diferenças de alunos e alunas, por isso há a necessidade de uma investigação profunda, que estude na formação acadêmica como os/as professores/as que estão em formação no curso de Educação Física tratam a diversidade do sexo e gênero, especificamente no que diz respeito aos estudos homoeróticos.

Talvez não possamos alcançar uma etapa definitiva e acabada, evidenciando que a totalidade é contraditória, concebida como a qualidade dialética da totalidade. Neste sentido, um exemplo esclarecedor seria o fenômeno “homossexualidade”. Para entendermos tal fenômeno, não podemos isolá-lo das relações sociais, compreendidas, portanto, na sua dimensão mais ampla e complexa das relações do gênero humano. Esta

pesquisa tem a importância no esclarecimento que poderá gerar aos profissionais de Educação Física e de outras áreas sobre a presença ou não de preconceitos contra homossexuais nas práticas desportivas. E talvez poder criar condições para o enfrentamento dos preconceitos e da discriminação de gênero, por orientação sexual, entre outras.

OBJETIVO GERAL

Analisar como os homossexuais enfrentam as barreiras da heteronormatividade através do esporte de lazer em João Pessoa.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir as barreiras existentes e exclusões para com homossexuais no âmbito do esporte de lazer.
- Verificar como grupos esportistas homossexuais compreendem seu corpo e utilizam os esportes de lazer como prática de poder e inserção social.

REVISÃO PRELIMINAR DA LITERATURA

Homossexualidade, homofobia e Sociedade

Homofobia é, segundo os estudos de Desoti e Costa(2013),o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal. A palavra homofobia significa a repulsa ou o preconceito contra a homossexualidade e/ou o homossexual. Esse termo teria sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos em meados dos anos 70, criado pelo psicólogo George Weinberg, em 1972 em sua obra chamada *Society and the healthy*

homossexual, na qual forjou o termo homofobia, combinado a palavra grega *phobos* (fobia) com o prefixo *homo* – como referência à palavra "homossexual",. Não se pode ignorar a legitimidade da homossexualidade como uma forma de expressão da sexualidade humana. A partir dos anos 90, teria sido difundido ao redor do mundo. A palavra fobia denomina uma espécie de "medo irracional", e o fato de ter sido empregada nesse sentido é motivo de discussão ainda entre alguns teóricos com relação ao emprego do termo. Assim, entende-se que não se deve resumir o conceito a esse significado (DESOTI e COSTA, 2013).

O conhecimento atual diz que existem três orientações sexuais, não se utiliza mais a expressão de opção sexual, na natureza humana: Heterossexual (de pessoas que sentem atração por pessoas do sexo genital oposto), Bissexual (de pessoas que sentem atração por pessoas dos dois sexos genitais) e Homossexual (de pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo sexo genital) . O Movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais- LGBT, estimula que 10% da população seja de cidadãos e cidadãs Homossexuais. Os Homossexuais masculinos são conhecidos por Gays. Com exceção do desejo sexual-afetivo que sentem por outras pessoas do mesmo sexo, nada mais difere um homem homossexual de outro heterossexual. Portanto é preconceituoso dizer que não se permite nenhum atleta Gay em qualquer que seja o esporte, além de outros contextos sociais como, no Exército, em Salas de Aula, em Consultórios, na Polícia, entre outros ambientes de trabalho.

Podemos entender a homofobia, assim como as outras formas de preconceito, como uma atitude de colocar a outra pessoa, no caso, o homossexual, na condição de inferioridade, de anormalidade, baseada no domínio da lógica heteronormativa, ou seja, da heterossexualidade como padrão, norma. A homofobia é a expressão do que podemos chamar de hierarquização das sexualidades. Todavia, deve-se compreender a legitimidade da forma homossexual de expressão da sexualidade humana. No decorrer da história, inúmeras denominações foram usadas para identificar a homossexualidade, refletindo o caráter preconceituoso das sociedades que cunharam determinados termos, como: pecado mortal, perversão sexual, aberração.

Assim, o fenômeno que compreende desde as conhecidas "piadas" para ridicularizar até ações como violência e assassinato. A homofobia implica ainda numa visão patológica da homossexualidade, submetida a olhares clínicos, terapias e tentativas de "cura". A questão não se resume aos indivíduos homossexuais, ou seja, a homofobia compreende também questões da esfera pública, como a luta por direitos. Muitos

comportamentos homofóbicos surgem justamente do medo da equivalência de direitos entre homo e heterossexuais, uma vez que isso significa, de certa maneira, o desaparecimento da hierarquia sexual estabelecida, como discutimos (LOURO,2008).

Podemos entender então que a homofobia compreende duas dimensões fundamentais: de um lado a questão afetiva, de uma rejeição ao homossexual; de outro, a dimensão cultural que destaca a questão cognitiva, onde o objeto do preconceito é a homossexualidade como fenômeno, e não o homossexual enquanto indivíduo. Em maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal reconheceu a legalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo no Brasil. A decisão retomou discussões acerca dos direitos da homossexualidade, além de colocar a questão da homofobia em pauta. Apesar das conquistas no campo dos direitos, a homossexualidade ainda enfrenta preconceitos. O reconhecimento legal da união homoafetiva não foi capaz de acabar com a homofobia, nem protegeu inúmeros homossexuais de serem rechaçados, muitas vezes de forma violenta.

Extinguir a homofobia e legalizar os homossexuais na sociedade são atos imperativos para a garantia da qualidade de vida de toda uma geração que está por vir. Seja por adoção, seja por inseminação artificial e uso de barrigas de aluguel ou ainda pela reprodução genética entre duas mulheres, o que importa é que novas famílias estão se constituindo a partir das relações homossexuais. Assim como no século XX, novas famílias também se constituíram a partir de relações afetivas oriundas de divórcios. E a nova geração de brasileiros que se forma agora não pode vir a sofrer com a homofobia lançada sobre seus pais e mães. Assim como filhos de mulheres e homens divorciados não mereciam sofrer preconceito nas décadas passadas, quando o divórcio ainda era tabu social. Temos de minar a homofobia agora, não só pelo movimento LGBT em si, mas para que novas gerações não precisem viver marginalizadas e clandestinas dentro da sociedade. Os recentes debates – mesmo que 20 anos atrasados – sobre o assunto são frutíferos e necessários para o amadurecimento de toda a sociedade brasileira. Espera-se que seus resultados sejam racionais, tolerantes, imparciais e objetivos como toda verdadeira Ética deve ser.

Esporte e preconceito

Silvana Goellner, Márcia Figueira e Angelita Jaeger (2008) argumentam que além da generificação dos corpos, o esporte lhes atribui marcas relacionadas à sexualidade. Não qualquer configuração de sexualidade, mas sim a sexualidade heterossexual e atendente aos padrões de gênero hegemônicos. Em conversas informais com sujeitos que se auto representam como gays e lésbicas sobre suas relações com a Educação Física, Luciene Santos (2008) constatou que a disciplina se configurava como um terreno de conflitos sobre sexualidades no qual esses/essas jovens nem sempre se saiam bem. Para muitos/as deles/as, essas experiências criaram aversão pelas práticas esportivas.

Recentemente, algumas pesquisas se lançaram em problematizar as relações entre Esportes, homossexualidade e homofobia, abrindo espaços para que essas discussões possam permear os processos de formação acadêmica e auxiliar durante o processo de reflexão sobre essas relações na formação inicial do professor de Educação Física (ROSA, 2010; SANTOS, 2008; SILVA, 2008). Contudo, como destaca Luciene Santos (2008), mesmo com a presença da temática de gênero e sexualidade na produção científica da área desde a década de 1980, a problematização sobre a homossexualidade e homofobia no contexto do esporte ainda se mostra incipiente o que aponta para a necessidade de novas pesquisas acerca do assunto.

Segundo os pensamentos de Lordelo (2013), o esporte não tem a menor habilidade em lidar com a homossexualidade. E que fique claro, não caberia ao esporte fazer apologia a gays ou simpatizantes. Mas cabe sim ao esporte lutar contra qualquer espécie de preconceito, inclusive/mas não apenas o sexual. O esporte é adesão, é massa, é cultura. Como pode ser tudo isso e ignorar seu papel de co-construtor de uma sociedade? Porque a questão não é estar certo ou mesmo defender/reprimir, mas estar aberto à discussão. É fundamental inclusive que Isinbayeva se manifeste, permitindo a discussão sobre o tema. Melhor do que ninguém falar sobre o assunto, fundamental e causador de divergências em todos os continentes do planeta.

> *"O Corinthians, receoso por reações contrárias, não precisava falar que apoia os homossexuais. Mas perdeu a grande oportunidade de dizer que é contrário a qualquer forma de preconceito, o que sutilmente foi feito pelo COI, quando indagou a*

> *Rússia sobre a receptividade aos atletas e torcedores homossexuais". (LORDELO, 2013).*

É fato que todo o silencio, mais do que ideologia, esbarra em questões comerciais. Existe um receio imenso de que pessoas contrárias aos "hábitos homossexuais" deixem de comprar ou consumir seus produtos em função de uma manifestação pública e conciliadora. A Nike, nesse sentido, deu um passo adiante e lançou uma linha voltada prioritariamente a esse público. O que mostra que, inclusive no aspecto comercial, já é possível uma reanálise (SILVEIRA, 2008). Os conteúdos midiáticos também provocam outras opiniões e também propõem outros pontos de vista em relação ao que é transmitido e ao que é realidade

Afinal, o esporte não pode ter medo de ter sua imagem aliada ao "a favor ou contra". Porque nasceu para incluir, não excluir. Para integrar, e não expelir. Que o esporte faça jus à sua essência, por meio de clubes, atletas e competições, e inviabilize minimamente o preconceito primata que ainda é latente na sociedade. Essa vitória seria a mais importante e bonita. Porque quase tudo depende de como as situações são vistas. É uma questão de entendimento, de ângulo, de princípio e de cores. O preconceito leva à discriminação, à marginalização e à violência, uma vez que é baseado unicamente nas aparências e na empatia.

Existe uma violência simbólica no esporte, e temos como exemplo o racismo e a discriminação, porém, nem todos esses mesmos modelos não são concretos o suficiente para serem enquadrados como crime, apenas o racismo, e segundo algumas autoridades, o racismo e a discriminação são fenômenos muito complexos, se manifestam de diversas formas e parecem estar internalizados no comportamento e no cotidiano das pessoas, particularmente no ambiente esportivo, difundidos desde uma simples piada, nos apelidos, na chacota, chegando até as manifestações de constrangimento e nas agressões físicas e verbais aos negros, obesos, homossexuais, mulheres, árabes, judeus e nos portadores de necessidades especiais (OLIVEIRA, 2011).

Assim os espaços esportivos se constituem em lugar privilegiado de pesquisa e estudos sobre o esporte enquanto fenômeno social em interface com as relações assimétricas de gênero que o perpassa, sendo estas o reflexo das várias práticas sociais de preconceito e opressão sexual presentes na sociedade.

PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Caracteriza-se como um estudo etnográfico crítico com abordagem qualitativa por se tratar de descrição de fenômeno. Este tipo de abordagem denominada etnografia crítica, como segundo Sampiere, Colado e Lúcio(2013) nos mostra procura analisar categorias relacionadas às questões sociais como o poder, a injustiça, a hegemonia, a repressão e as vítimas da sociedade. em que o investigador junta aos procedimentos etnográficos a tradição da teoria crítica tentando desvelar, por meio da dialética entre o ser e o dever-ser, as situações de injustiça e opressão a que estão submetidos os grupos e/ou seus membros minoritários, como a questão da mulher, dos idosos, das pessoas com necessidades especiais ou dos homossexuais (MOLINA NETO, 2005, p. 185).

Os dados serão coletados a partir da observação participante através do diário de campo (anexo A), que ajudará o pesquisador com o intuito de estabelecer escolhas e direcionamentos das narrativas e de outros dados, de acordo com os objetivos e questões da pesquisa; bem como de entrevistas semi-estruturadas (anexo B), com o auxílio de um gravador de voz, propiciando as narrativas produzidas pelos sujeitos cada entrevista. O sujeito que participará da pesquisa, será previamente informado sobre os seus objetivos assinando um Termo de Consentimento Livre e esclarecido, dando expressa autorização para a coleta e análise das informações que forem concedidas. Quanto à análise dos dados, não é possível separá-la do processo de investigação, aliás, se inicia desde o momento em que o pesquisador escolhe seu problema de estudo e só finaliza quando este conclui seu relatório. Quanto às técnicas, será utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2008).

Serão classificados como sujeitos do estudo, aproximadamente 50 atletas masculinos de um time de voleibol amador da cidade de João Pessoa, conhecidos notoriamente como *STAR PLAY*, composto por indivíduos referidamente homossexuais que participam de competições locais e interestaduais**.** Que perante permissão concedida pelo organizador do time, visto que é uma equipe que não tem personalidade jurídica, não se encaixando como clube, instituição ou empresa; faremos observações dos treinos, jogos oficiais ou amistosos e de possíveis momentos extraquadra que fará parte da equipe. O processo de amostragem, ou seja, a técnica de seleção da amostra será não probabilística intencional, constituída pelos sujeitos que quiserem livremente participar da pesquisa.

Perante as considerações éticas, este projeto será submetido para apreciação do Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) localizado na Universidade

Federal da Paraíba (UFPB). Após sua aprovação, serão iniciadas às etapas referentes ao processo de coleta de dados. Todos os sujeitos que voluntariamente consentir em participar do estudo deverão assinar o termo de consentimento livre e esclarecido conforme a resolução 466/12 que trata das diretrizes para pesquisas com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2013).

DISCUSSÕES

A homossexualidade é um assunto um tanto quanto delicado e polêmico. Seres humanos, com opções e escolhas diferentes, merecem todo o respeito. Dentre os muitos problemas de grande escala no meio esportivo, como guerras entre torcidas organizadas, racismo e corrupção, figura também a homofobia.

A discriminação no esporte é caracterizado, em geral, por atitudes inconsequentes, desrespeitosas e hostis para com os atletas, geralmente de cor, raça, religião, gênero, opção sexual e etc. Esse processo muitas vezes se reflete em diversas formas e parece estar interiorizado no comportamento e no cotidiano das pessoas, essencialmente no ambiente esportivo, disseminado desde uma simples piada, nos apelidos, na gozação, chegando até as manifestações de constrangimento e nas agressões físicas e verbais aos negros, obesos, homossexuais, mulheres, árabes, judeus e nos portadores de necessidades especiais.

É inaceitável que a discriminação ainda exista no esporte, ainda mais em competições que deveriam ser pautadas por um mínimo de respeito entre os atletas competidores. Respeito esse que some, quando casos de homofobia e racismo se tornam presentes nos eventos. Pois o preconceito não é somente racial e também acontece em outros esportes além do futebol. Um caso mais recente ainda, envolvendo o jogador de vôlei Michael, da equipe Vôlei Futuro, durante uma partida contra o Cruzeiro pelas semifinais da Superliga, levou o atleta a assumir publicamente que é homossexual. Ser homossexual não significa ser inferior ao próximo. Significa ser apenas diferente em sua sexualidade. Para os mais apaixonados pelo futebol tradicional, ainda é necessário entender que a cultura do esporte passa por transformações, o que não impede que o bom futebol ou bom voleibol, ou mesmo qualquer ou tipo de modalidade esportiva continue sendo praticado, a capacidade funcional e o desempenho não sofre nenhuma alteração diante da condição sexual que o atleta se encontre.

O presente trabalho que ainda se encontra em andamento, procura investigar as possíveis subdivisões estabelecidas e veladas de discriminações, e atribuições dos entendimentos de preconceito contra homossexuais dentro do contexto do voleibol amador. O esporte como construtor de uma sociedade, possui certos compromissos com ela, ou pelo menos deveria ter, e um deles seria o de lutar contra qualquer tipo de preconceito, e o contra o sexual não seria diferente. Seu foco não seria excluir e sim incluir e que esta essência seja justificada por meio de clubes atletas e competições que impossibilite preconceitos primitivos institucionalizados que ainda é dissimulados em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante.** Coleção pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 20 jul 2013.

BORRILLO, D. **HOMOFOBIA**: história e critica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CAUDWELL, J. de. Reseña de "Sport, Sexualities and Queer/ Theory" **Revista Estudos Feministas**, v.16, n.3, septiembre-diciembre, 2008, p. 1130-1133, Universidade Federal de Santa Catarina Brasil.

DESOTI, C. e COSTA,V. Homossexualidade: de onde vem?; ódio ao homossexual Revista Ciência e Vida(Filosofia), v.7, n.5, julho, 2013, p.35-50.

DORNELLES, P. G. D. **CORPO, GÊNERO E PRÁTICAS CORPORAIS ESPORTIVAS:** Diálogos Iniciais A Partir Da Teoria Queer. UFLA, Lavras, Minas Gerais, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade.** A vontade de saber I. 8. ed. São Paulo: Graal, 1985.

GOELLNER, S. V.; FIGUEIRA, M. L. M.; JAEGER, A. A. A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, F. F.; MAGALHÃES, J. C.; QUADRADO, R. P. (Org.) **Educação e sexualidade**: identidades, famílias, diversidade sexual, prazeres, desejos, preconceitos, homofobia... Rio Grande: Editora da FURG, 2008, p. 67-75.

LEILA, S. J. e PAULILO, M. A. S. Textos & Contextos (Porto Alegre), Vol. 7, No 2 (2008).

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 8º Ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco. 2004 p.10-22.

MISKOLCI, R**. A Teoria Queer e a Sociologia**: o desafio de uma analítica da normalizaçãoSociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MOLINA NETO, V. Etnografia (verbete). In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). Dicionário crítico de educação física. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

OLIVEIRA, J. E. C.de. Esporte e Violência. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 16, n. 156, mai. 2011. http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm

ROSA, R. B. **Enunciações afetadas**: relações possíveis entre homofobia e esporte. 2010. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

SAMPIERI, R H; COLLADO, C F; LUCIO, P B. Metodologia de pesquisa. 5ª ed. Porto Alegre - RS: McGraw Hill, 2013.

SANTOS, L. N. **Corpo, gênero e sexualidade**: educar meninas e meninos para além da homofobia. 2008. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVEIRA, R. da. **Esporte, homossexualidade e amizade:** estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. Dissertação (Programa de pós-graduação em movimento humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SOUZA, E. M. de. e CARRIERI, A. de P. **A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero.** • RAM, REV. ADM. MACKENZIE, V. 11, N. 3, Edição Especial • SÃO PAULO, SP • MAI./JUN. 2010 • p. 46-70 • ISSN 1678-6971.